

## **Domingo.... no Parque? Não, na Ocupação!**

José Guilherme C. Magnani

Clássico programa de domingo: almoço mais tarde, com familiares ou amigos, cardápio caprichado – quem sabe, assinado por algum ou alguma *chef de cuisine*, Neka Mena Barreto, por exemplo; depois, conforme o tempo, parque. Típico da classe média paulistana, não é?

Em parte sim, mas a diferença é que, neste domingo, dia 25 de março de 2019, o almoço não foi em algum restaurante consagrado, mas na Ocupação 9 de Julho, uma das tantas na cidade de São Paulo, em prédios no centro ou em terrenos na periferia, organizadas por movimentos de trabalhadores sem teto.

Esta ocupação, situada na rua Álvaro de Carvalho 427, bairro Bela Vista, próximo ao metrô Anhangabaú, tem sua particularidade: foi conduzido e é gerenciado basicamente por mulheres – Dona Carmen é uma das lideranças. A estratégia que caracteriza a 9 de Julho é buscar alianças com diferentes instituições e coletivos - universidades, outros movimentos sociais, profissionais liberais e, principalmente, com os vizinhos dos prédios no entorno: o almoço mensal é uma das iniciativas que, ademais, permite arrecadar recursos.

Contribui para isso o cuidado com o aspecto geral – a limpeza, a horta orgânica, a estética, as oficinas, exposições de arte, etc. – com o quê afasta a visão do senso comum e de parte da mídia de que as ocupações são obra de vândalos, viciados, manipulados por grupos extremistas. O carácter político, entretanto, para não deixar nenhuma dúvida, está claro: lá estão as siglas do MSTC – Movimento Sem Teto do Centro.

Neste dia eu e Marciano Kappaun chegamos mais cedo (como se sabe, o antropólogo chega antes de a festa começar e sai bem depois...), para apreciar todo o processo. Domingo de manhã, no centro, é propício para uma caminhada etnográfica: jovens – funkeiros, punks e outros circulando pelas imediações do metrô Anhangabaú do Terminal Bandeira, grupos religiosos servindo café da manhã para moradores de rua, embaixo do viaduto.

Seguimos pela rua onde se situa o antigo hotel Cambridge, também palco de uma ocupação, tema de filme e livro; finalmente chegamos à ocupação. A preparação do almoço já estava em pleno desenvolvimento, supervisionado pela célebre *chef*; em andamento também o mutirão na horta orgânica, as barracas de artesanato (bolsas feitas de sobras de pele de pirarucu), de livros, estamperia para camisetas, imagens de orixás e, ao fundo, aula de yoga, dirigida por Carla Asevedo.

Aproveitamos para conversar com Priscila Pamela, nosso primeiro contato lá; aos poucos as pessoas foram chegando e a fila para compra dos tíquetes do almoço, aumentando; a impressão era que predominava gente com poder

aquisitivo para custear a refeição (uma caipirinha, uma latinha de cerveja e o prato me saíram por 40,00... afinal, era uma atividade para arrecadar recursos); reconheci ex-alunos da USP, profissionais de várias especialidades simpáticos ao movimento (lá estava José Trajano, comentarista desportivo) militantes de outros coletivos, etc.

De certa forma, uma instigante mistura: para o olhar “de perto e de dentro”, característico do método etnográfico, aquele espaço – o *pedaço* de seus moradores durante a semana – no dia do evento se transformava numa *mancha* que incluía o entorno e acolhia os visitantes: adultos, crianças, idosos, gente de todas as idades, procedências e gêneros se encontrando, conhecendo-se e entrando em contato com formas de ocupar e apropriar-se da cidade para além da lógica do capital.

O evento seguiu noite a dentro, com leitura do texto de Elisa Band: “12 milímetros”, publicado pela editora N-1; *shows*, yoga, compras no brechó. Contrariando a regra, saí antes do fim, mas Marciano ficou e certamente fará seu relato. Em tempo: do ponto de vista financeiro, um sucesso: mais de 800 refeições servidas...